

Liberdade

Cresceu em África nos anos 60-70...sempre a deu como adquirida, nem percebia bem a questão de ser ou não ser, tê-la ou não a ter.

Regras e valores eram os familiares e os adquiridos pela educação escolar ou pelo exemplo dos outros que considerava que o eram e a tinham.

Viveu primeiro no Chiveve, onde fez os primeiros amigos, depois mudou-se para a Pontagea e entrou na Escola Primária Eduardo Vilaça. Era com um orgulho enorme, e peito inchado e voz forte que cantava o hino Português antes da entrada para as aulas com o olhar posto nas acácias.

Nos intervalos brincava ao berlinde, ao mata, ao abafador, à apanhada numa singela misturas de traços raças e cores – Negros, Indianos, Ingleses, nórdicos, brancos-todos Africanos, Moçambicanos e orgulhosamente portugueses - de 2ª no bilhete de identidade.

Mais de quarenta anos depois teve a enorme satisfação de reencontrar na Figueira da Foz a sua Professora Primária e a Professora Estagiária a viver a cerca de 2 kms da sua residência.

Na sala enorme da sua última casa no Macuti (Moçambique) os serões eram preenchidos por poetas, autores, fotógrafos, médicos, pintores ao som de Música Brasileira enquanto os adultos de tudo falavam, sobre tudo discutiam na verdadeira aceção da palavra enquanto iam comendo marisco e bebendo Cerveja ou Uísque.

Durante o dia, regressado do Colégio Maristas, brincava pelas ruas, jogava ao pau, às pedrinhas e pedalava de *Xinga*.

À noiteira estendia-se no chão ou nos *pufs* e escutava deliciado até o mandarem para a cama ora aprendia Xadrez.

Aprendia a respeitar a diversidade de opiniões, a dar a sua, a cumprir a miscigenação.

Com 4 anos já sabia sentar-se à mesa, utilizar bem os talheres e compreendia a utilização de todos os diversos copos. Ensajava as primeiras leituras (da Anita) em Lisboa, aos 10 anos em África respeitava horários, cumpria rituais, sabia quando podia falar, quando devia escutar, quando se podia levantar da mesa, quando se tinha de retirar e ir deitar.

Lia de tudo, tinha amigos de todos os quadrantes sociais e políticos, não priorizava cores de pele, aprendia a ajudar os com mais dificuldades, percorria quilómetros de bicicleta sem receios e só com a preocupação de chegar a casa à hora marcada.

Adorava “fugir” e ir comer farinha de Mandioca com peixe frito na companhia de seus amigos e colegas negros.

Aos 12 anos (1976) teve a primeira sensação de perda quando, com a revolução da Frelimo, no Colégio, aproveitando as suas capacidades de desenho e escrita o colocaram a desenhar quadros de Samora Machel e a escrever composições abonatórias sobre o regime.

Temendo uma espécie de “lavagem ao cérebro”, num cérebro cuja inteligência era um potencial, os Pais decidiram tudo largar e regressar a um Continente- algo que estranho de que tinha poucas memórias.

Regressado, em 1976, sim, sentiu então, o frio, o desespero, o negro das vestes, as palavras sussurradas, o apontar de dedos, a inveja, o estranhar da pronúncia, o medo, a falta de liberdade de um país tacanho que tentava aprender a lidar com a Democracia mas de horizontes bastante fechados que contrastavam com a amplitude sem fim das savanas e oceanos onde fora criado.

Entre os 15 anos e os 17 lia tudo que encontrava de Sartre, Kant, Descartes, Marx e Hegel.

Da revolução de Abril não recorda nada, não a viveu, não a vivenciou, além dos corpos mutilados brancos ou negros que chegavam, de helicóptero, ao Hospital, da ruína de um povo da perda da Liberdade de um país imenso, rico e de uns cravos de que não gosta. Prefere as Tulipas ou os Antúrios Vermelhos e da quantidade de vezes que sentiu medo das metralhadoras apontadas e gritos numa linguagem de que só percebia meras palavras aquando do regresso de uma viagem ao Norte de Moçambique.

Tem uma repulsa atroz aos movimentos extremistas, aos populismos, aos messianismos e ao clientelismo, diria que desde que visitou a ex-Rodésia ou talvez lhe esteja no sangue já que o apelido terá origens judaicas. A injustiça e a estupidez humana tira-o do sério.

Tal como a tantos retornados haviam-lhes virado os contentores do vagão do comboio para a terra que ladeava os carris... tentava perceber o porque se aquela era a terra dos amigos do seu pai...

Os conceitos que encontrava eram utópicos e questionáveis tendo em vista a miríade de fatores condicionantes. Tantas outras vezes subjetivos e heteroreferentes. Usava ao peito um crachá apelando para o mito francês de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Criou a 1ª Associação de Estudantes do Liceu acreditando num ideal humanista e personalista.

Vivenciou uma liberdade sofista enquanto uma população pouco esclarecida lutava para aprender, apreender e solidificar a formação de um pressuposto Estado Democrático.

O seu avô ensinou-lhe, durante as caminhadas das caçadas aos coelhos, lebres e perdizes, que Liberdade era Responsabilidade e que a sua acabava onde começava a dos outros numa linha muito ténue.

Não assumiu o livre arbítrio de Kant. Acreditou que fazia o seu caminho. A professora de psicologia questionou as suas intervenções, mas deu-lhe 18 valores, tal como o Professor de Filosofia.

Identificou-se mais com Jean-Paul Sartre, acreditando ser a liberdade a condição ontológica do ser humano. O homem é, antes de tudo, livre.

Fez várias opções ao longo da vida, expressou-as por escrito, em quadros, em atitudes do Direito que estudou, passou pela Auditoria e cumpriu-se na partilha de Conhecimento enquanto professor e formador, sem nunca impingir qualquer sua opinião fosse sobre que tema fosse, mas adorando um bom e saudável diálogo.

Apreendeu tanto com obras como a de Guy Debord "A Sociedade do Espetáculo" como a de Tom Wolfe "A Fogueira das Vaidades", redescobriu-se com Amit

Goswami na “ Consciência Quântica” ou com James Redfield na “Profecia Celestina”.

Cansou-se de paradigmas, recomeçou por diversas vezes do zero, criou as suas regras e valores respeitando o conhecimento das leis morais, sociais e fiscais e, não apenas a sua própria vontade.

Acredita piamente na meritocracia.

E quem diria que sentiria os seus Direitos, Liberdades e Garantias reprimidos em pleno Séc. XXI não necessariamente pelo homem (GNR ou PSP) mas por uma Pandemia à qual só se tenta sobreviver e não ser nem infetar ninguém?

Descobriu que afinal, a Liberdade estava em si mesmo - e os grilhões também - tal foi transmitindo a seus filhos acreditando que um dia poderão colocar na sua laje algo como “Aqui jaz um Homem Feliz e Livre”!

Bastos Vianna- 25 Abril 2021

© António Jorge Menezes